

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *Jornal da Tarde*

Class.: 189

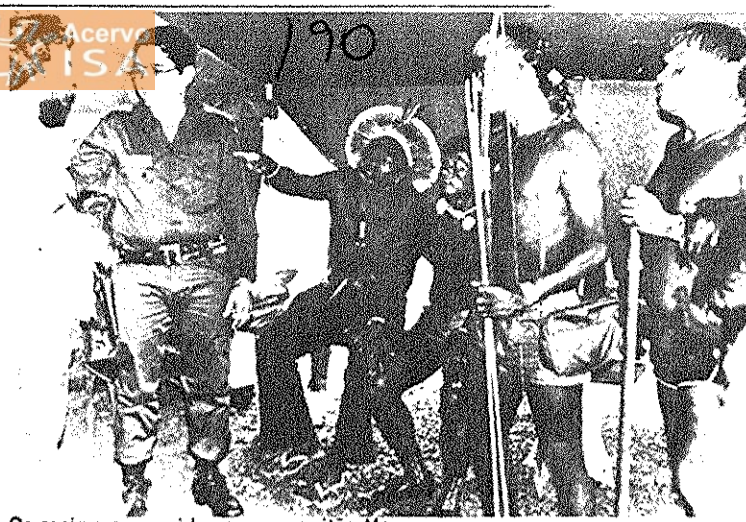
Data: *07.02.85*

Pg.: _____

Os guerreiros,
dispostos
a lutar
até morrer.

"Corra, e vá falar com Figueiredo." Foi o último conselho do cacique Txucarra Mae Raoni, ao representante da Funai, ontem, no bloqueio da Transamazônica. Página 11.





Os caciques, reunidos com o capitão Menezes.



Posseiros e pequenos proprietários abandonam a região

A Transamazônica, bloqueada pelos apinajés.

A situação está fora de controle, relata nosso enviado especial, Bartolomeu Rodrigues.

Mais de duzentos índios armados estão bloqueando, desde a manhã de ontem, a Transamazônica no trecho que passa a 25 quilômetros da cidade de Tocantinópolis, no norte de Goiás, enquanto pelo menos outros 400 guerreiros de várias tribos se preparam para iniciar, a qualquer momento, a demarcação de 148,6 mil hectares de terras para os índios apinajés, independente de qualquer negociação em Brasília para pôr fim ao conflito que envolve fazendeiros e posseiros da região

A situação está fora de controle. Nem mesmo o cacique Txucarramãe Raoni consegue esfriar os ânimos dos guerreiros dispostos a "lutar até morrer" pela posse da terra, em nome dos apinajés. Momentos antes do bloqueio da Transamazônica, Raoni havia dado a sua palavra ao capitão Martins (responsável pelo comando de 120 homens da Polícia Militar que formam uma barreira para separar as partes em conflito), de que os índios voltariam à aldeia São José, dando prazo até hoje de manhã para uma resposta do presidente da Funai, Nelson Marabuto.

Em Brasília, os ministros do Interior, Mário Andreazza, e Assuntos Fundiários, Danilo Venturini, não chegaram, até ontem à noite, a um acordo sobre a questão dos índios Apinajés. Na reunião, Andreazza defendeu a posição da Funai, que reivindica a demarcação de uma área de 148.600 hectares para os índios, e Venturini a proposta levada ao grupo interministerial que estuda o problema, pelo Getat — Grupo de Terras do Araguaia-Tocantins, e Ingra que querem a diminuição da área para 103.000 hectares, deixando de fora a rodovia Transamazônica.

A decisão de Raoni, de dar um novo prazo, partilhada pelos caciques das tribos krenakarore, xavantes e terena, não agradou aos guerreiros em posição de combate na altura da estrada onde há uma entrada para a aldeia. Ao tentar negociar com os índios uma solução pacífica, o sertanista Cláudio Romero, destacado pela Funai para a área, chegou a receber ameaças de morte, tendo o índio Romão se dirigido a ele afirmando que já sabia qual o sabor do "sangue de civilizado". Mesmo assim, Romero evitou que os índios descessem a estrada e iniciassem picadas, esvaziando os pneus do caminhão da Funai e procurando imediatamente a colaboração da polícia militar.

"Vamos depositar mais esse crédito em Marabuto. Fechar a estrada não vai contribuir em nada, muito pelo contrário. Se nada ficar definido amanhã (hoje), não estarei mais aqui para conversarmos", prometeu o capitão Martins, ao convencer Raoni a aceitar uma escolta policial até o povoado de Nazaré — a 32 quilômetros de Tocantinópolis —, de onde o cacique txucarramãe e o sertanista Cláudio Romero telefonaram para o presidente da Funai, informando que os índios já se sentiam em guerra aberta com os brancos. De Marabuto, Romero disse ter ouvido "mais promessas", enquanto Raoni sintetizava a situação dizendo-se incapaz de segurar o seu povo. "Eles estão de cabeça quente. Já esperaram demais e agora tenho que morrer com eles. "Antes de desligar, porém, o cacique deu um último conselho ao presidente da Funai:

— Corra, e vá falar com Figueiredo, com Venturini e com Andreazza. Os índios são ficando bravos comigo também. Fale com Tancredo, fale com ele.



Raoni, falando com Marabuto.

Cláudio Romero ficou irritado ao telefone ao saber que, em Brasília, os órgãos de segurança creditam parte da hostilidade dos índios ao seu trabalho como sertanista na área, autorizando Marabuto a retirá-lo, caso pense o mesmo. "Quem está segurando essa situação sou eu, que estou aqui há mais de dois meses. Antes disso, os índios já estavam prontos para a guerra, mas agora a situação piorou e não tenho mais nem o que dizer aos índios. O Conselho de Segurança Nacional, em vez de ficar procurando culpados, devia resolver essa situação logo", desabafou o sertanista.

No bloqueio, os índios apinajés comandados pelo guerreiro Romão não admitem a aproximação nem mesmo dos jornalistas que, antes, eram tratados cordialmente por toda a aldeia. Uma equipe de televisão foi afastada sob a ameaça de bordunas atiradas de longe e durante uma manobra do veículo que conduzia a equipe de O Estado de São Paulo, o motorista Francisco Vieira precisou explicar a índios xavantes armados de espingardas que estava naquele local a serviço da imprensa, temendo ser identificado como um morador de Tocantinópolis.

Localizado em terras que os apinajés historicamente reivindicam como suas, Tocantinópolis está, no momento, isolada por terra, na direção sul do Estado, para onde só é possível ir através do Maranhão, contornando o rio Tocantins, onde uma balsa triplicou o seu movimento atravessando caminhões de carga que abastecem de mercadorias o comércio local. Nesse isolamento, cada um começou a responder por si, pois nem mesmo o prefeito, José Sabóia, há mais de quatro dias ausente da cidade, dá sinais de vida para acalmar a população.

Como resultado, posseiros e pequenos fazendeiros que não querem pegar em armas estão abandonando à pressas as suas propriedades, plantações e máquinas, em busca de um lugar seguro nas proximidades da barreira policial. "Meu prejuízo não é só material, é moral também", disse revoltado o fazendeiro Pompeu Coelho Filho, cuja propriedade está localizada na margem oeste do território indígena, onde a disputa

é mais acirrada por envolver interesses considerados "vitais" para a sobrevivência do município, conforme expressou o presidente da Câmara dos Vereadores, Evandro Guimarães. Silenciosos depois que o vereador José Bonifácio, do PDS, tentou matar um funcionário da Funai, os fazendeiros não deram, ontem, demonstração de revanchismo em relação à atitude dos índios, embora publicamente admitam contar com uma grande força armada para impedir as picadas dentro de suas propriedades. Um dos porta-vozes desses fazendeiros, o vereador Agostinho Rodrigues, do PMDB, considera a situação insustentável, e acusou o governo federal pela indefinição em torno do problema a responsabilizar a Funai, caso haja um massacre. Na sua opinião, "o branco não vai ser morto".

Um incidente como o do vereador Bonifácio, no entanto, está sendo visto pela polícia como um "fator de desmoralização do movimento promovido pelos fazendeiros", e poucos acreditam que na atual circunstância haja um enfrentamento armado, ficando por enquanto os índios em posição de superioridade, sobretudo moral, no conflito.

Segundo o capitão Martins, seja qual for o desfecho, será necessário manter um forte contingente militar na área, principalmente porque os apinajés, isolados da população desde a chegada de Raoni à aldeia, há cerca de dois meses, passaram a ser mais hostilizados pelos fazendeiros, que já não contam mais com a colheita agrícola este ano. As chuvas que caem neste período do ano estão ajudando o mato a invadir os arrozaes.

Mineração nas reservas

O governador do Amazonas, Gilberto Mestrinho declarou ontem que é favorável à abertura de reservas indígenas para explorações minerais e garantiu como descendente de índio que é, que "o índio não quer viver isolado. Isso é conversa de quem tem até medo de chegar perto de um índio".

Neto de índia, o governador amazonense viveu muitos anos ligado diretamente aos indígenas da região, conhecendo as tribos mais numerosas e importantes do Amazonas, como os tukano, os tikuna, os satere-mawra e os munduruku. E por isso mesmo, afirma "conhecer suas necessidades e saber o que eles querem".

Segundo Mestrinho, há muita gente falando de índio sem nem sequer ter se aproximado de um deles, por simples medo. "Então, que verdade podem conter certos questionamentos a respeito das comunidades indígenas, feitos simplesmente porque todo mundo quer falar de índio?", indaga o governador.

Na sua opinião, ao se permitir explorações minerais nas áreas das reservas indígenas, "estamos ajudando a levar atividades econômicas e benefícios sociais para essas populações indígenas, ao mesmo tempo em que se amplia a área de ação da atividade mineral no Estado".

O governador acrescenta que o processo deve ser racional mas deve ser iniciado. "Temos que começar o processo, nada se faz sem começo", afirma, alertando para o fato de que, antes de se permitir a entrada nas reservas indígenas, "é preciso demarcar suas terras. É preciso fazer chegar aos índios os benefícios de que dispomos e permitir a participação deles no próprio trabalho de mineração".